



1917-2017 | CENTENÁRIO DO NASCIMENTO
ALFREDO DINIZ (ALEX)

Destacado dirigente do
Partido Comunista Português
e resistente antifascista
Vilmente assassinado pela PVDE/PIDE,
aos 28 anos de idade



ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

sobre “ALEX”

(1917) nasce em Lisboa, a 29 de Março, Alfredo da Assunção Diniz, que ficaria conhecido como o camarada “Alex”, pseudónimo usado na clandestinidade. Na adolescência torna-se operário metalúrgico, cursando à noite numa escola industrial. Na infância vendeu flores de papel pelas ruas, com o seu pai.

(1936) adere, com 19 anos, à Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas; torna-se membro do PCP e assume tarefas no Socorro Vermelho Internacional.

(1938) é preso por causa de “actividade revolucionária” e condenado a 18 meses de prisão, cumprindo parte do tempo no Forte de Peniche.

(1940-41) Integra e participa activamente na reorganização do Partido.

(1941-42) é responsável pela célula dos Estaleiros Navais da Parry & Son (Cacilhas, Almada) e pelo Comité Local de Almada do Partido.

(1942) é um dos impulsionadores, como responsável pela organização local, das grandes greves na região de Lisboa em Outubro-Novembro.

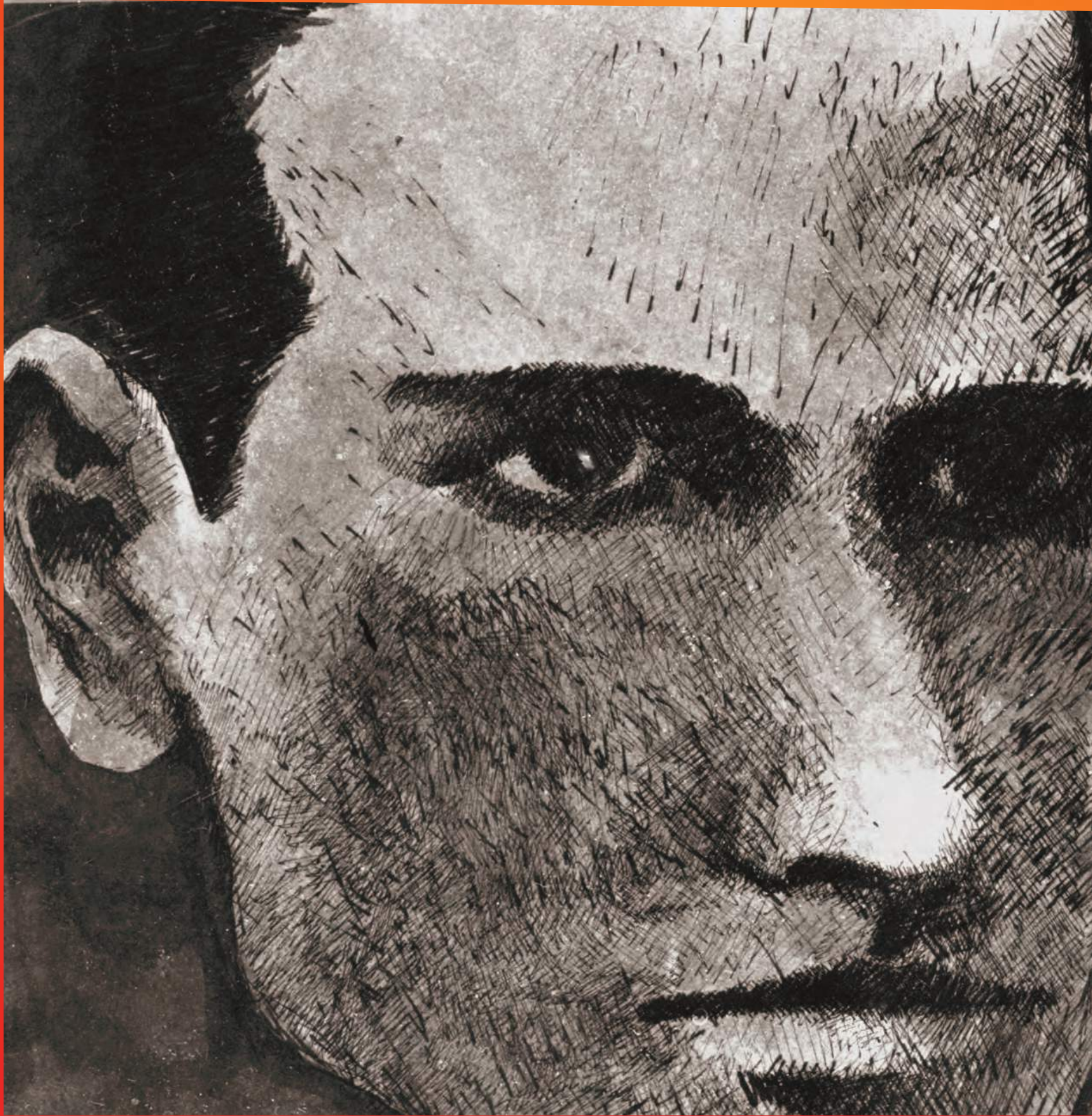
(1943) é, já como membro do Comité Regional de Lisboa e funcionário do Partido, um dos principais impulsionadores das greves deste ano – Julho-Agosto (margem sul do Tejo e Ribatejo) –, depois destas passa à clandestinidade; é eleito para o Comité Central no III Congresso (I ilegal) do Partido.

(1944) é membro do Comité organizador das grandes greves de 8 a 9 de Maio, mais uma vez como um dos principais impulsionadores.

(1945) é eleito para a Comissão Política do PCP, pouco antes de ser assassinado, tinha apenas 28 anos.



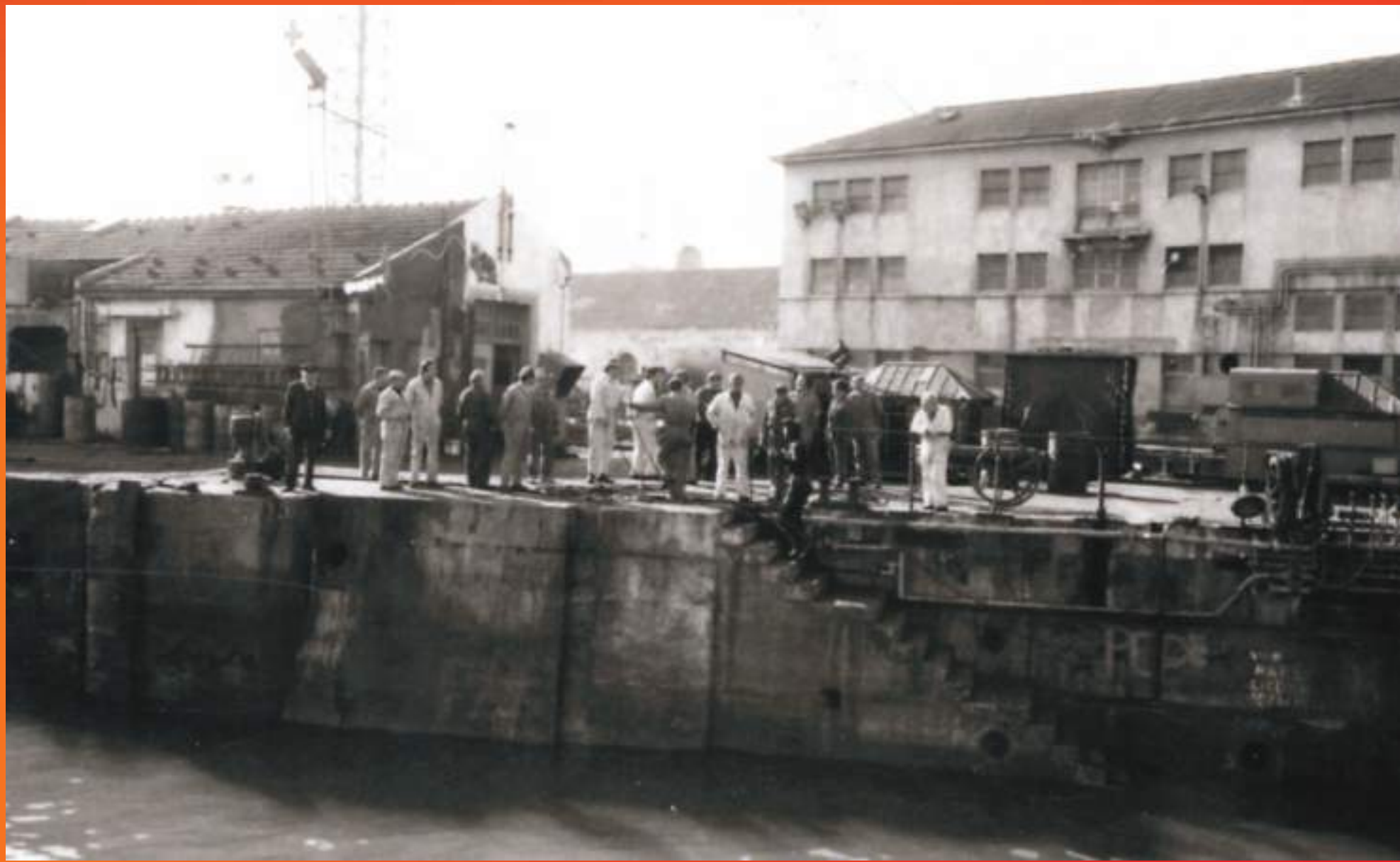
Rua de bairro popular em Lisboa nas primeiras décadas do XX século



Alfredo Diniz (Alex). Gravura de Rogério Ribeiro



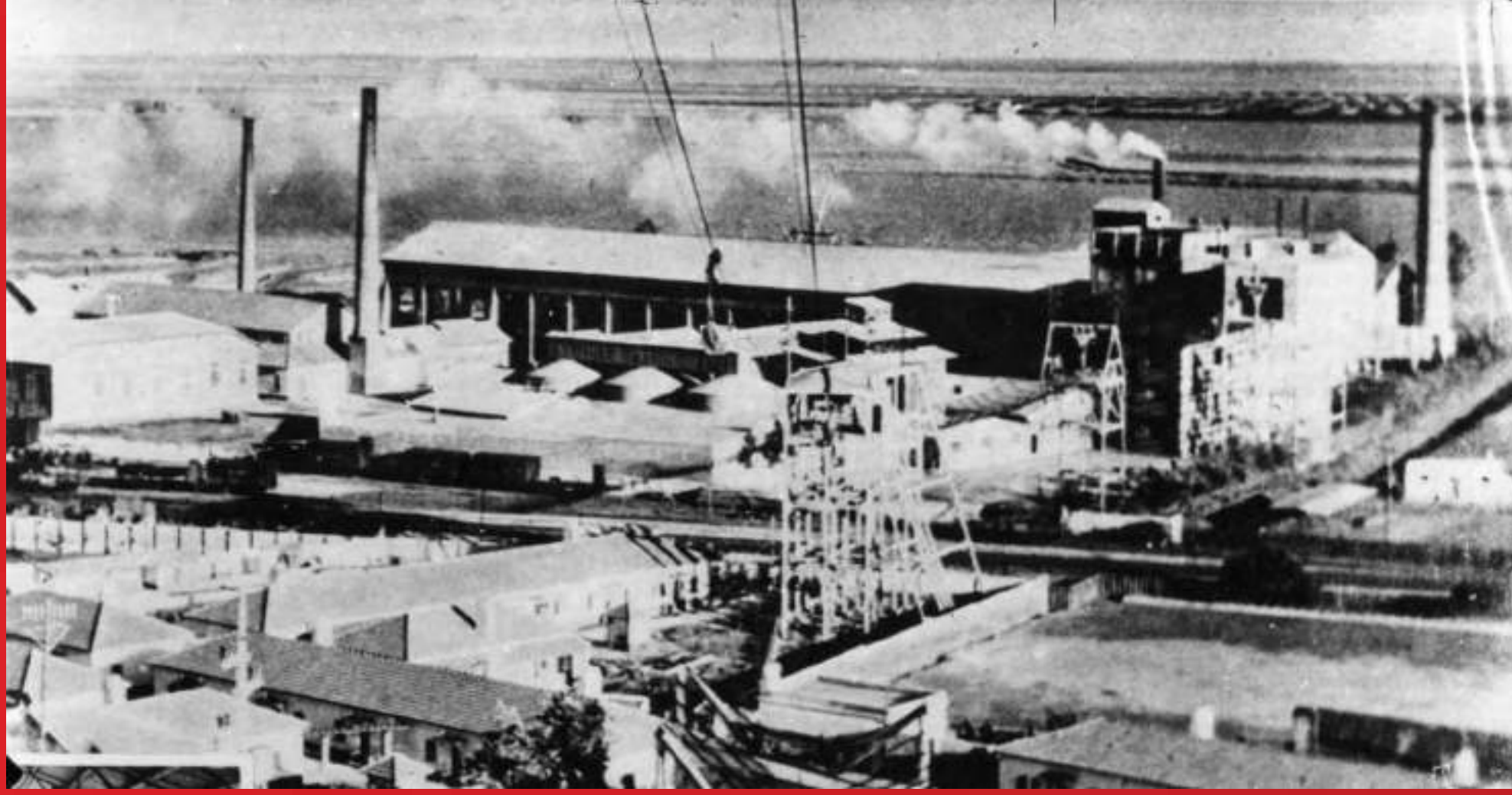
Operários da H. Parry & Son



Estaleiros Navais da H. Parry & Son em Cacilhas, onde trabalhou como operário e mais tarde como desenhador



Prisão Forte de Peniche



Milhares de trabalhadores das empresas na região de Vila Franca de Xira participam nas greves



Jaime Serra intervém na inauguração da placa toponímica do Largo Alfredo Diniz “Alex” Cacilhas, 1974 (Júlio Diniz) (CMA – Museu da Cidade de Almada)

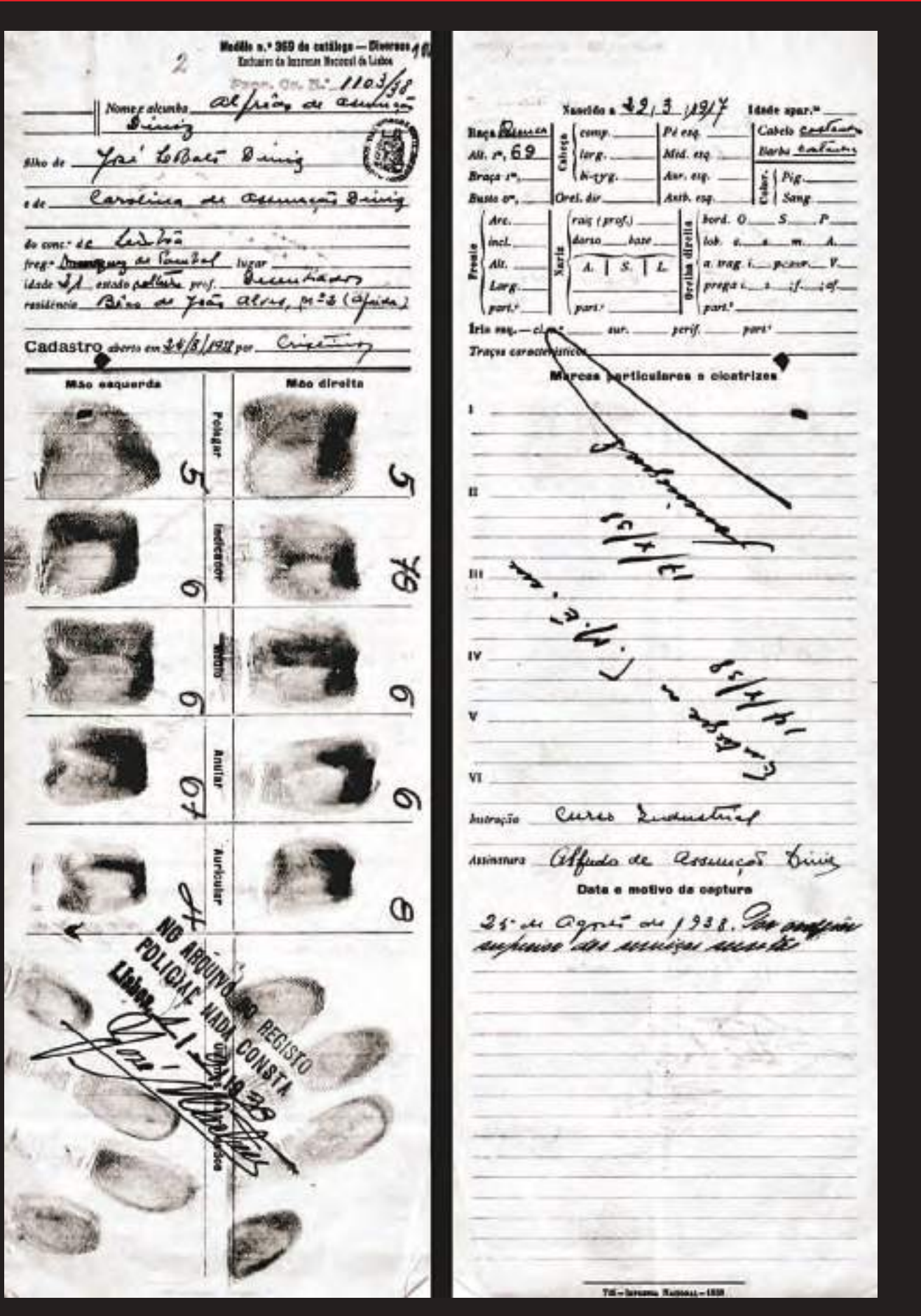
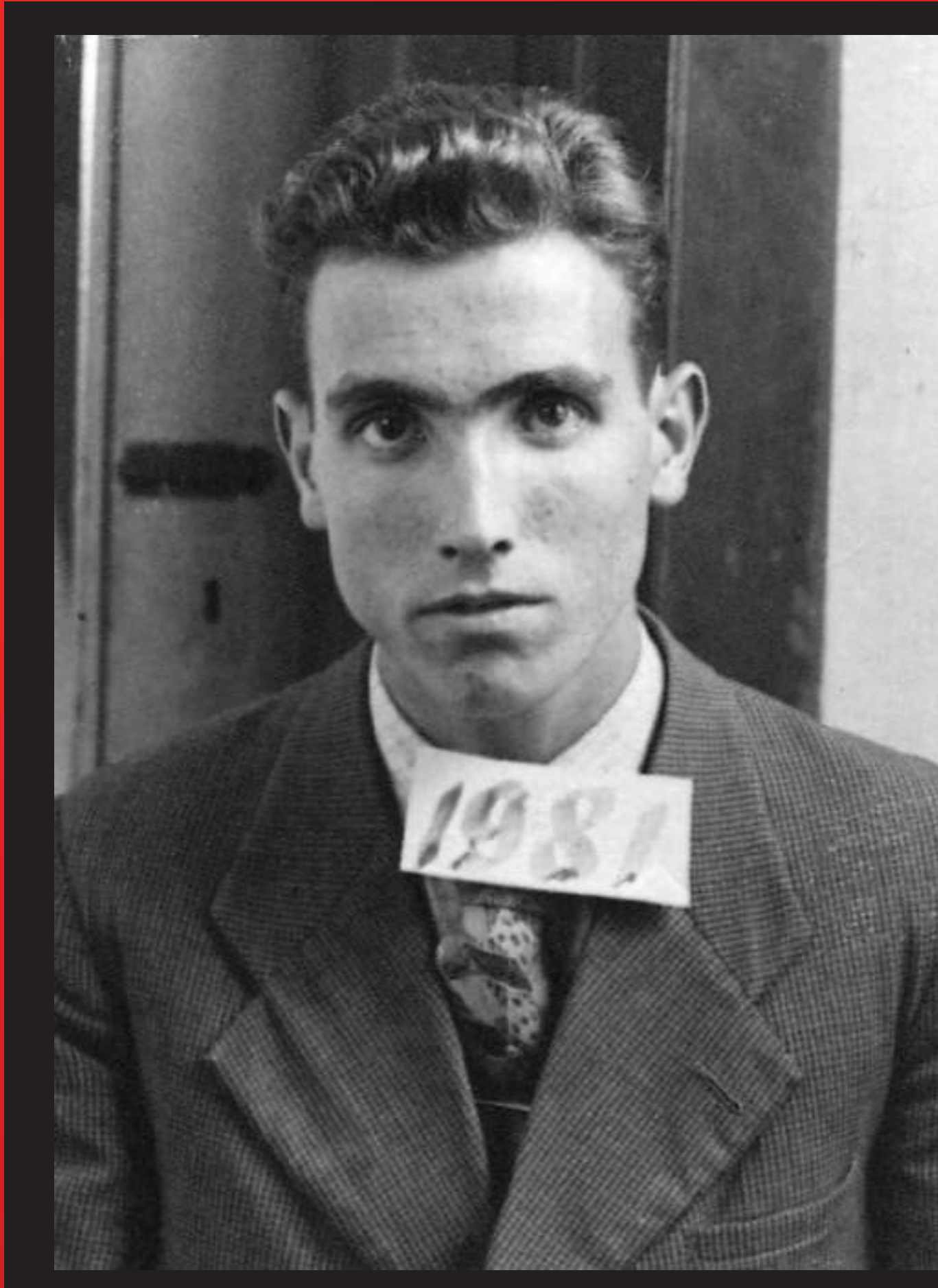
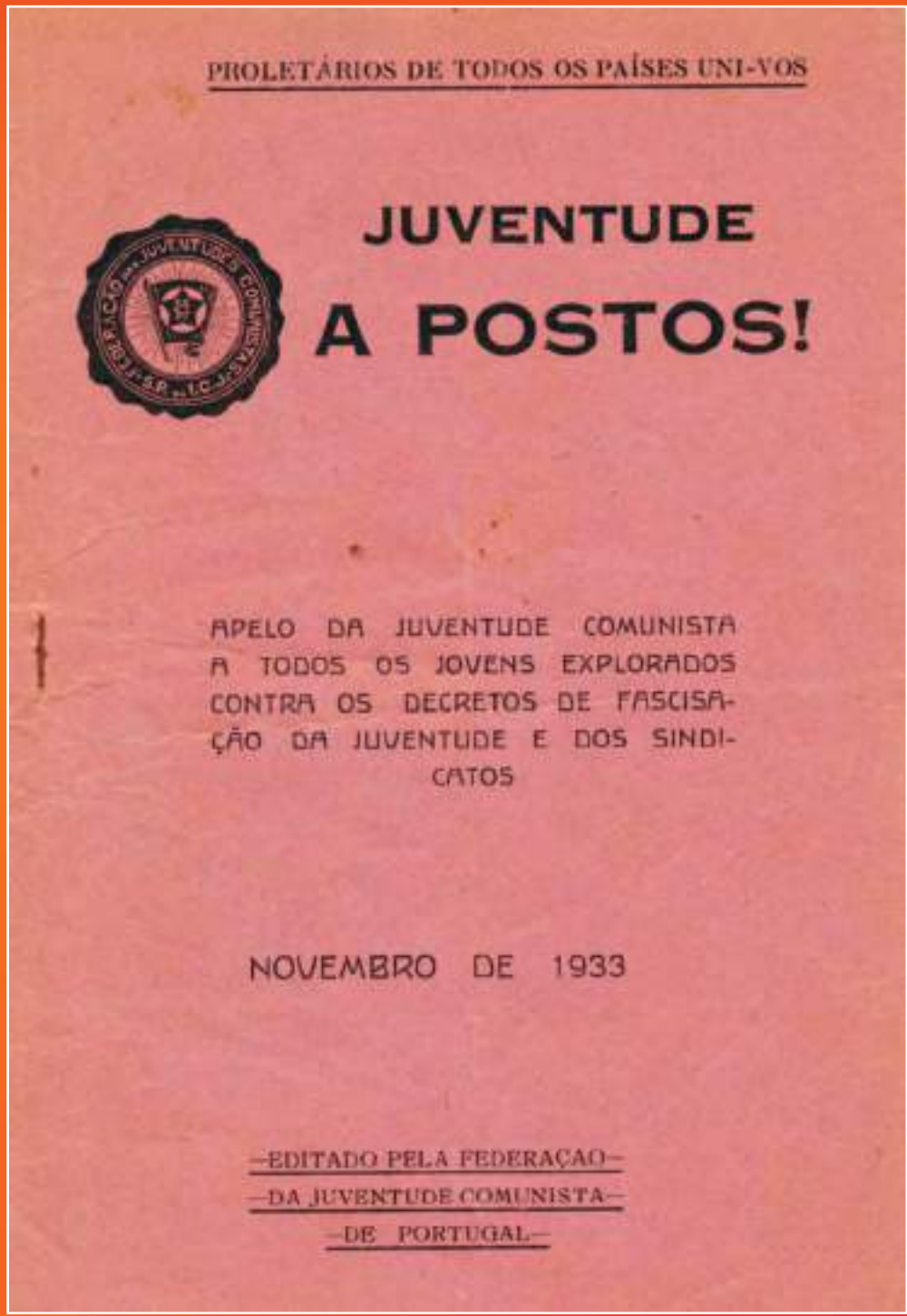


A ADESAO AO PARTIDO

Foi numa época de extrema dificuldade para a classe operária, alvo principal da política fascista, que “Alex” moldou a sua consciência de classe e de revolucionário. Trabalhou nos Estaleiros Navais Parry & Son como metalúrgico e, depois de terminar o curso noturno de desenhador, passou a ser traçador naval nos Estaleiros. Na mesma época ingressou nas Juventudes Comunistas, no Socorro Vermelho Internacional (SVI) e passados alguns meses no PCP. A adesão ao partido é determinada pela intervenção que tem na luta dos trabalhadores, pelo amadurecimento na compreensão do papel do PCP na defesa dos interesses dos trabalhadores. Alfredo Diniz adere ao PCP, quando os horizontes eram bastante negros para o povo português e os comunistas. É nestas condições que forja a consciência da necessidade de lutar pela liberdade contra a opressão e a exploração. Aos 21 anos, o jovem militante comunista, é preso pela PVDE (posteriormente PIDE e mais tarde DGS), portando-se valorosamente frente aos esbirros do fascismo, defendendo o Partido e recusando prestar quaisquer declarações. Cumpriu uma pena de 18 meses nas cadeias de Caxias e Peniche. Após a sua libertação retoma de imediato a actividade partidária, tornando-se responsável pela célula do Partido na Parry & Son e pelo Comité local de Almada do PCP. Está-se então no final dos anos 30 que foram de especial agressividade das classes dominantes, com a fascização dos sindicatos e uma intensa e crescente exploração e repressão sobre os trabalhadores e em particular sobre os comunistas. “Alex” revela já, não só uma elevada consciência de classe e um grande empenho na actividade partidária, mas simultâneamente uma grande capacidade de organizador e de dinamizador da acção e luta dos trabalhadores que se irá materializar no papel que viria a assumir nas grandes greves de 1942, 1943 e de 8 e 9 de Maio de 1944.



Alfredo Diniz, operário metalúrgico. Gravura de Rogério Ribeiro



Fotos e ficha prisionais de Alfredo Diniz (Alex)



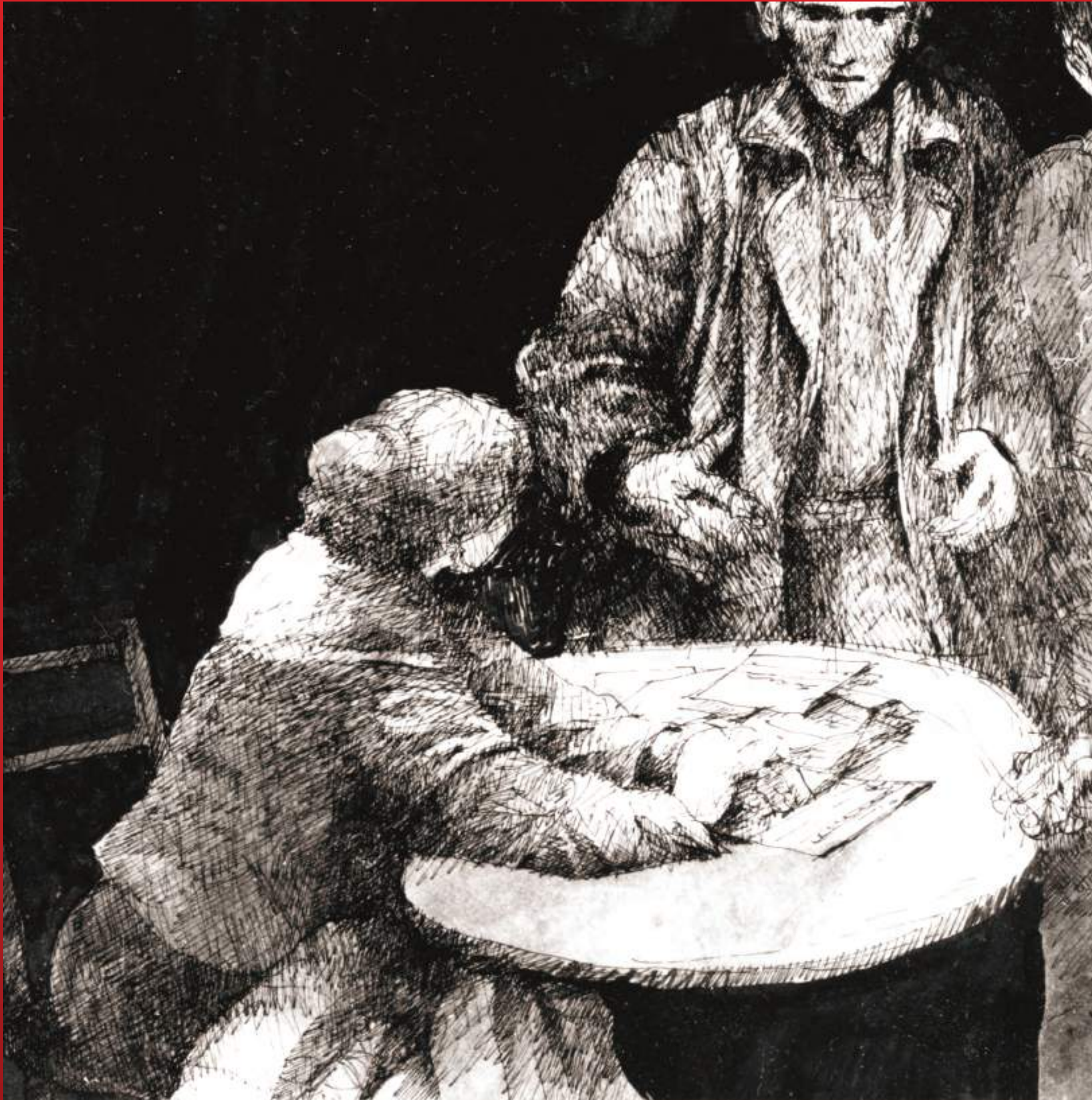
Oliveira Salazar, Óscar Carmona e outros responsáveis do regime, fazendo saudação fascista numa cerimónia na época



Repressão e prisão de grevistas Na Margem sul do Tejo
Reunião clandestina. Gravura de Rogério Ribeiro



Repressão sobre manifestação de rua



Estaleiros navais da H. Parry & Son, Cacilhas, (Júlio Diniz) (CMA - Museu da Cidade de Almada)

A RESISTÊNCIA ANTIFASCISTA E A REORGANIZAÇÃO DO PCP

A instauração do fascismo, a supressão das liberdades, a ilegalização do PCP impuseram a necessidade de se criar uma organização clandestina sem a qual não se podia lutar contra o fascismo.

Nos anos 30, apesar das duras condições a que está sujeito, o PCP tinha já alcançado as condições para o trabalho clandestino incluindo a criação de um aparelho técnico que tornou possível o PCP editar o seu órgão central o «Avante!» um importante instrumento no trabalho de esclarecimento e da organização da luta de massas.

Contudo, no final da década, após vários golpes repressivos, e a abertura do Campo de Concentração do Tarrafal (1936), para onde foram deportados os mais activos participantes do “18 de Janeiro de 1934” e da “Revolta dos Marinheiros” de 1936, assim como os membros do Secretariado do Partido presos em 1935 e muitos outros comunistas, o PCP deparou-se com uma difícil situação que só seria ultrapassada com a reorganização de 1940/41: reforça a defesa do aparelho clandestino, passa a dispor de um sólido núcleo de funcionários inteiramente dedicados à actividade partidária, alarga-se a organização a todo o país é criada uma diversificada rede de tipografias que torna possível a publicação regular e a publicação do «Avante!» e do Militante clandestinos até 25 de Abril de 1974.

A reorganização, no seu desenvolvimento, viria a transformar de facto o PCP na vanguarda da classe operária e num grande Partido nacional, organizador e impulsionador da luta de massas e da unidade democrática antifascista, assente em formas de organização estáveis como o MUNAF.. “Alex” integrou o núcleo dos camaradas que tornaram possível os notáveis resultados fruto da reorganização nos quais se tem de incluir a realização do III Congresso – o primeiro realizado na clandestinidade, em 1943 – que reforçou o trabalho colectivo de direcção, elegeu-se um Comité Central, dotou o Partido de uma sólida orientação política. É neste Congresso que Alfredo Diniz é eleito membro do Comité Central.

Em 1945, “Alex”, já membro da Comissão Política do PCP, estaria igualmente na organização das manifestações de regozijo pela Vitória sobre o nazifascismo. Ainda não tinham passado dois meses deste grande acontecimento da História, “Alex” era vilmente assassinado por uma brigada da PVDE. Tinha 28 anos e, pela frente, um promissor caminho como dirigente do PCP.

O assassinato de “Alex”, no contexto em que teve lugar, não é separável da política de revanche do fascismo pelo papel desempenhado pelo PCP nas grandes acções de massas contra a ditadura, mas também pelo apoio que já recebia pelas potências imperialistas.



Reunião clandestina. Gravura de Rogério Ribeiro



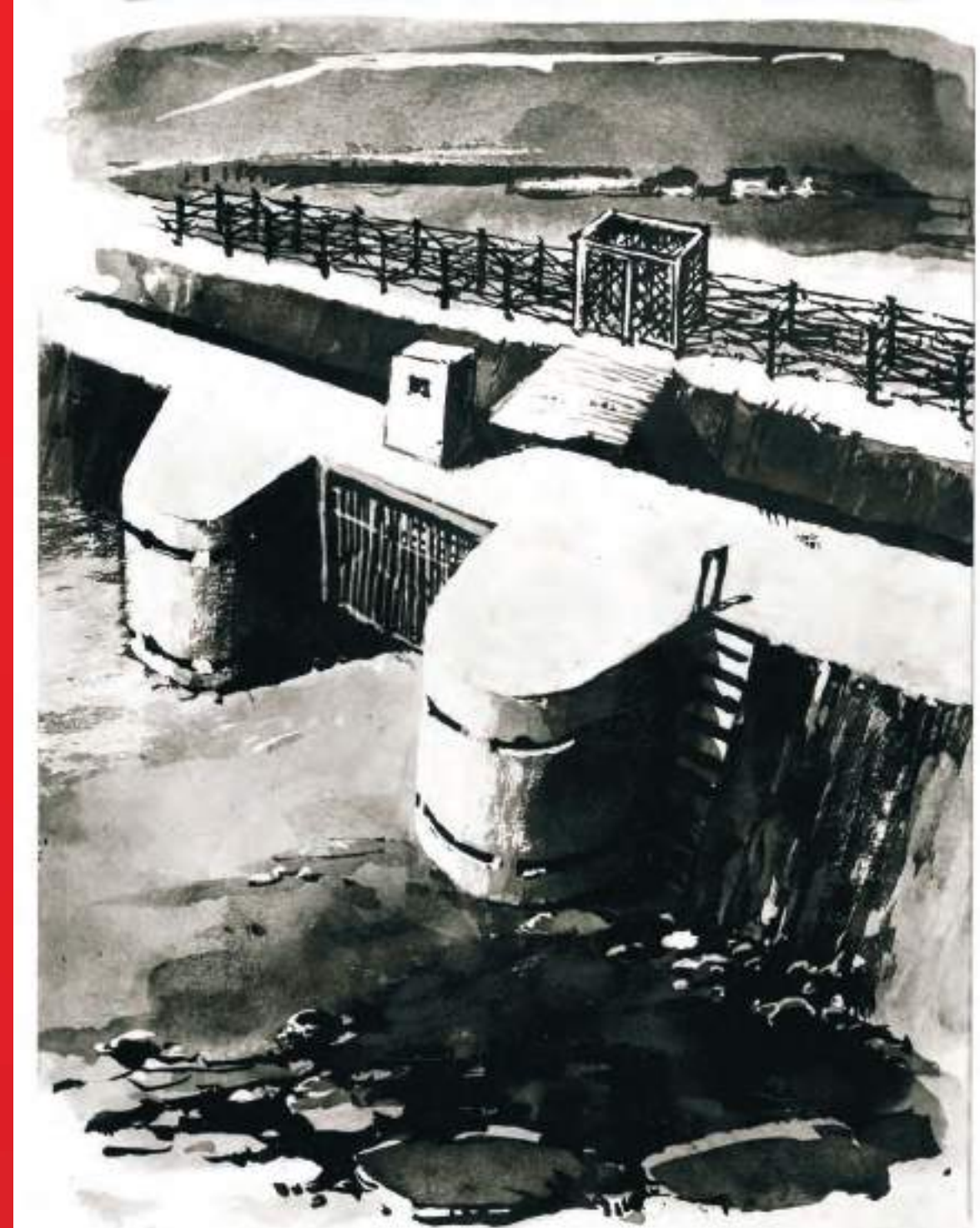
Tipografia clandestina. Gravura de José Dias Coelho



Trabalhadores grevistas do 18 de Janeiro de 1934 levados pelas forças repressivas para a prisão



Repressão sobre a “Revolta dos Marinheiros” de 1936 levados para as prisões de Angra do Heroísmo e Campo de concentração do Tarrafal



Campo de concentração do Tarrafal



Operários escoltados pela GNR para a prisão em Alcântara, Lisboa, 1937



O MOVIMENTO GREVISTA DA PRIMEIRA METADE DOS ANOS 40

O poderoso movimento grevista dos anos 40 do século passado dirigido pelo PCP, constituiu um dos mais significativos momentos na resistência ao fascismo, afirmando a classe operária como vanguarda da luta contra a ditadura.

A intensa exploração a que eram submetidos os trabalhadores, a degradação das suas condições de vida – fome, miséria, falta de géneros alimentícios, mercado negro –, agravadas devido à colaboração do regime fascista com a Alemanha nazi, entregando-lhes alimentos desviados do consumo nacional, geraram um profundo descontentamento que se exprimiu em profundas acções de protesto: greves, manifestações de rua, marchas contra a fome, que mobilizaram dezenas de milhares de trabalhadores. “Alex” foi um dos principais organizadores e impulsores das grandes jornadas de massas e grevistas que tiveram lugar em Novembro de 1942 na região de Lisboa e igualmente das greves de Julho-Agosto de 1943 na Região de Lisboa e Margem Sul em que participaram mais 50 mil trabalhadores.

No seguimento destas greves “Alex” teve de passar à clandestinidade como funcionário do Partido.

As greves de 1944 encontram igualmente no jovem Alfredo Diniz um dos seus principais organizadores, naquela que ficaria conhecida como a “Greve do pão”. Em Abril de 1944 o governo fascista português impôs o racionamento do pão.

As greves de 8 e 9 de Maio demonstraram as capacidades organizativas do jovem dirigente do Partido, desdobrando-se em dezenas de reuniões e percorrendo milhares de quilómetros na sua bicicleta. Nestas greves participaram dezenas de milhares de trabalhadores.

Foi graças à proximidade e capacidade de interpretação dos sentimentos dos trabalhadores por parte de “Alex”, que este informou o Comité Central das condições favoráveis a uma greve de grandes dimensões. Assim, a 5 de Maio é formado o Comité Dirigente da greve, que integra, Alfredo Diniz, Dias Lourenço, Gui Lourenço, Joaquim Campino e Sérgio Vilarigues. Álvaro Cunhal e José Gregório, membros do Secretariado do Comité Central que dirigiam directamente o Comité de Greve.

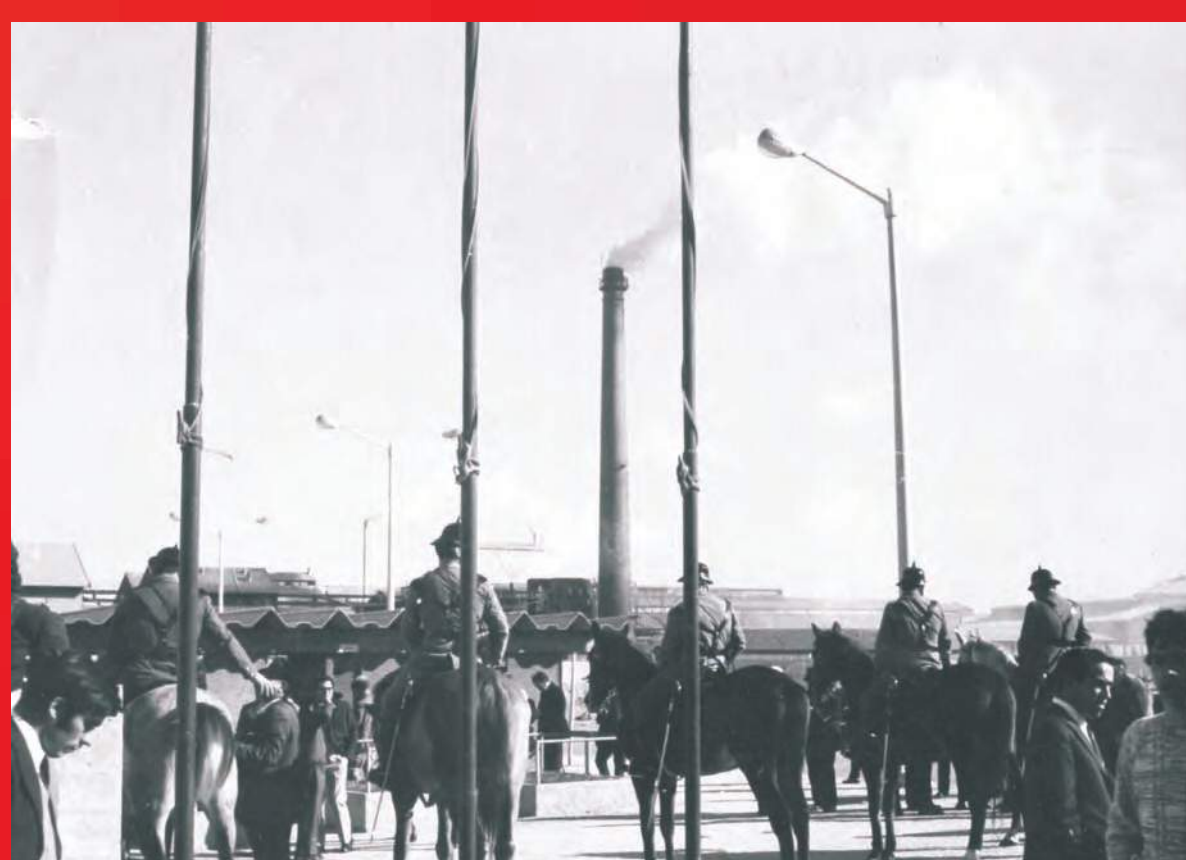
Apesar da feroz repressão que se abateu sobre os grevistas, o fascismo reconheceria a sua derrota, após as greves viu-se obrigado a ceder: aumentou o fornecimento de pão e géneros, bem como permitiu o aumento de salários.



Gravura de Rogério Ribeiro



Envio de gêneros para a Alemanha naz



Repressão da GNR e da PSP sobre os trabalhadores grevistas, no Barrreiro e em Lisboa



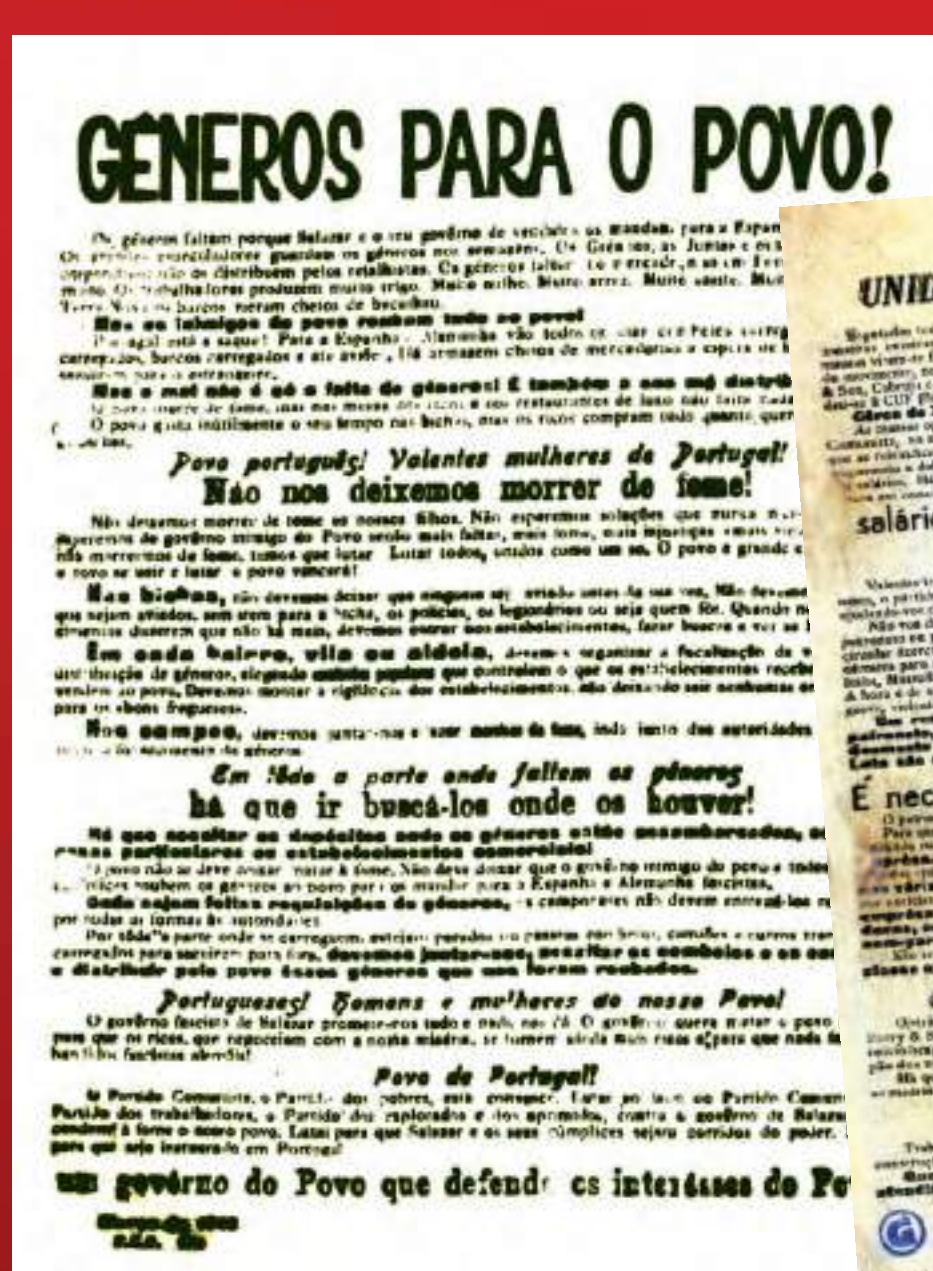
Repressão da GNR à saída dos trabalhadores de uma fábrica em greve



Repressão da GNR sobre as mulheres que prestavam solidariedade aos trabalhadores em greve no Barreiro



Filas de populares em Lisboa (em cima) e Porto (em baixo) para as senhas de racionamento



UM CRIME DO FASCISMO IMPUNE

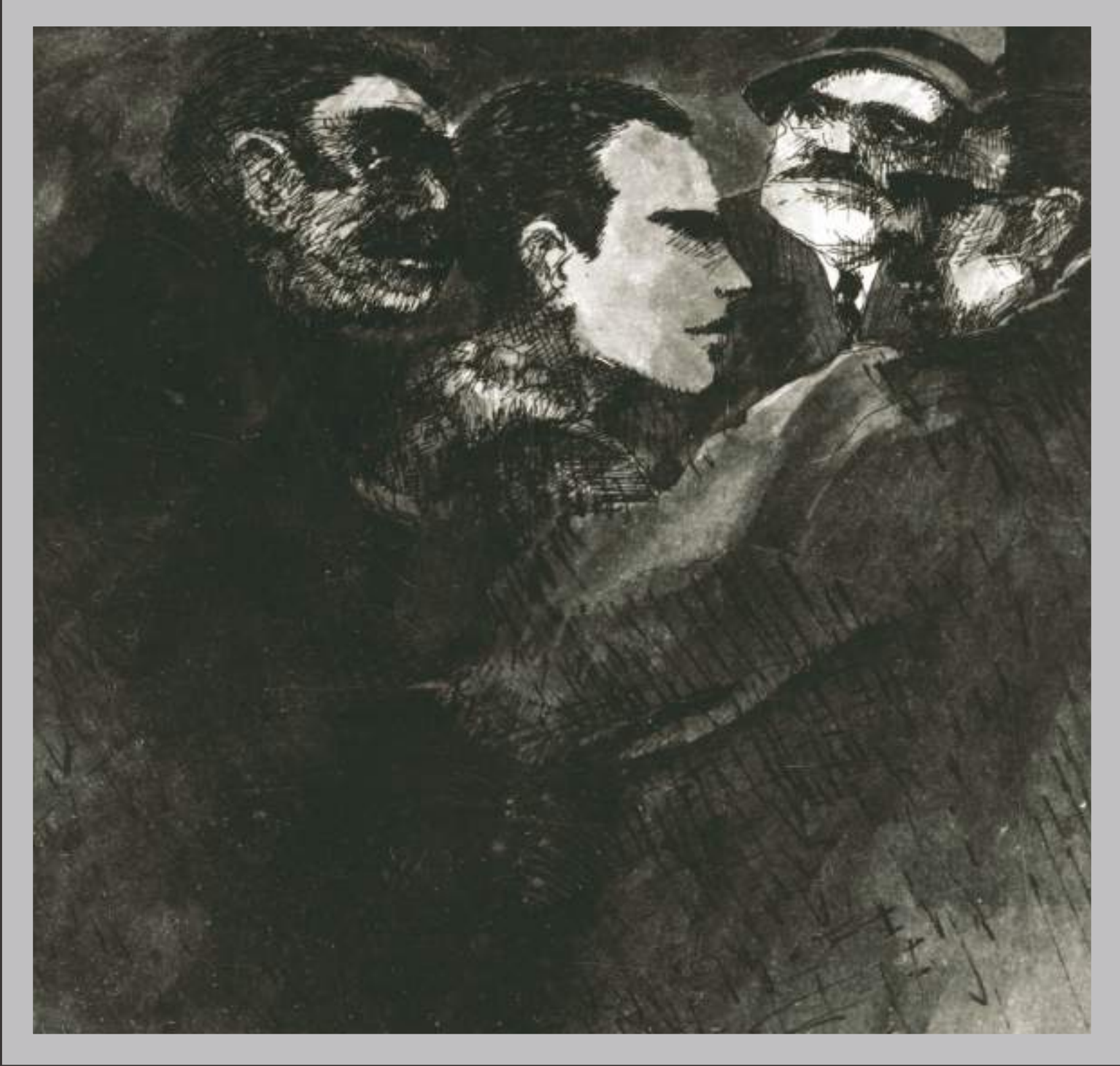
“Alex” foi assassinado a 4 de Julho de 1945 no lugar da Bemposta na estrada que liga Bucelas a Sobral de Monte Agraço quando se dirigia de bicicleta para um encontro clandestino. A polícia fascista tinha conseguido decifrar em documentos apreendidos o dia e o local do encontro e preparou uma emboscada na estrada de Bucelas, chefiada pelo famigerado José Gonçalves. Assim que “Alex” apareceu na sua bicicleta a PVDE lançou a sua carrinha contra ele. Já no chão, “Alex” foi alvejado a tiro, depois foi metido na carrinha onde foi novamente alvejado e lançado para a valeta já morto.

No relatório da polícia fascista consta uma “luta” de “Alex” com dois agentes da PVDE que teriam disparado em legítima defesa. A verdade é que os camponeses locais haviam assistido a tudo, assistiram à violência com que “Alex” tinha sido assassinado e ainda viram o seu cadáver ser lançado para a beira da estrada.

O seu funeral realizado à pressa e sem aviso, mostra como o regime fascista temia que o povo se mobilizasse para prestar a “Alex” uma última homenagem. Em 1950 seria trasladado, no levantamento das ossadas o buraco no crânio não deixava desmentir o acto criminoso dos agentes da PVDE. “Alex” foi assassinado quando o povo português e os povos do mundo comemoravam a derrota do nazifascismo na II Guerra Mundial. Este foi um de muitos assassinatos que o fascismo português, salvo pelas potências imperialistas, vai continuar a levar a cabo.



Alfredo Diniz na bicicleta perseguido pelo carro da PVDE/PIDE, momentos antes de ser assassinado. Gravura de Rogério Ribeiro



Alfredo Diniz aprisionado pelos elementos da PVDE/PIDE. Gravura de Rogério Ribeiro



Dias Lourenço intervem na homenagem a Alfredo Diniz (Alex) na estrada de Bucelas, local onde foi assassinado



Alfredo Diniz assassinado a tiro pela brigada da PVDE/PIDE. Gravura de Rogério Ribeiro



Local na Estrada de Bucelas que liga a Sobral de Monte Agraço, onde foi assassinado Alfredo Diniz (Alex)

Obra de Rogério Ribeiro



«Alex, um exemplo entre outros de quem eram e como viviam os que, nas fileiras do Partido, lutaram na clandestinidade pela liberdade do povo português. Alex, um dirigente comunista que o ódio do fascismo apontou como um alvo a abater. Um crime do fascismo.»

“Partido Comunista Português – 60 anos de luta ao serviço do povo e da pátria, 1921-1981”, p. 85

UM EXEMPLO PARA AS LUTAS DE HOJE

A curta vida de “Alex” coincidiu com um período histórico que impôs enormes sacrifícios ao nosso povo, aos lutadores pela liberdade, que não pode cair em esquecimento .

Alfredo Diniz, “Alex”, foi um abnegado revolucionário e firme militante comunista que dedicou o melhor da sua vida e a própria vida à luta dos trabalhadores, contra o fascismo pela liberdade e a democracia, pelo socialismo e o comunismo. Lembrar “Alex” e as condições em que foi premeditadamente assassinado, é lembrar o que significou o fascismo para os trabalhadores e para o povo, é lembrar a luta abnegada dos militantes comunistas.

O fascismo – a resposta mais agressiva e reacionária face às contradições do capitalismo e ao desenvolvimento da luta dos trabalhadores – significou para os portugueses 48 anos de supressão das liberdades, opressão e exploração extremas, prisões, torturas e crimes.

“Alex” é um dos maiores exemplos para a luta de hoje, para a luta de todos os dias, que mesmo disputada em condições político-sociais diversas, não deixa de se ver a par com uma imensa ofensiva contra os trabalhadores e com o aumento da exploração e das desigualdades. É, pois, como foi sempre, necessário um PCP mais forte enraizado nos trabalhadores e nas classes e camadas antimonopolistas para travar a luta dos nossos dias,.

Que o seu exemplo sirva para combatermos conformismos e potenciar a luta contra a exploração, pela política alternativa patriótica e de esquerda, pela democracia avançada - os valores de Abril no Futuro de Portugal, pelo socialismo e o comunismo.

